



PSICOLOGIA ARGUMENTO

ISSN 0103-7013
Licenciado sob uma Licença Creative Commons



doi: <http://dx.doi.org/10.7213/psicolargum.40.110.AO13>

Práticas grupais de promoção e prevenção em saúde mental: revisão da literatura

Mental health promotion and mental disease prevention group practices: literature review

Ana Paula Craveiro Prado
Universidade de São Paulo
<https://orcid.org/0000-0002-5328-9245>
anapaulacprado1@gmail.com

Dr^a. Carmen Lucia Cardoso
Universidade de São Paulo
<https://orcid.org/0000-0002-8422-8453>

Resumo

A promoção da saúde e a prevenção da doença têm se consolidado como eixos estratégicos no campo da saúde mental, e os grupos são recursos privilegiados para operacionalizá-los. O objetivo deste trabalho foi realizar uma revisão sistemática da literatura científica, nacional e internacional, sobre práticas grupais de promoção e de prevenção em saúde mental, buscando mapear e analisar as práticas grupais realizadas, bem como as pesquisas desenvolvidas para investigá-las. Foram analisados 24 artigos, recuperados das bases de dados PsycINFO, Scopus e Scielo. Majoritariamente, as práticas grupais encontradas caracterizaram-se como programas estruturados, de tamanhos reduzidos, homogêneos em relação aos participantes e direcionados a populações específicas. Em relação às pesquisas, identificou-se o predomínio de avaliações de resultados destas práticas, a partir da perspectiva dos participantes, e com o uso de métodos quantitativos. Com base nos resultados da revisão, foi possível discutir as especificidades, as intersecções e as sobreposições da intencionalidade preventiva e daquela promotora de saúde mental, quando atualizadas por meio de práticas grupais, apontando para a importância de investimentos teórico-filosóficos no campo.

Keywords: *saúde mental; promoção da saúde; prevenção de doença; grupos.*

Abstract

Health promotion and disease prevention have been held progressively more solid as strategies in the mental health field, and groups are privileged operational resources. The aim of this study was to systematically review the national and international scientific literature over group practices, within the promotion and prevention paradigm in the mental health field, seeking to map and analyse the group practices, as well as the researches developed to investigate them. Twenty-four articles have been analysed, gathered from the following data bases: PsycINFO, Scopus and Scielo. The group practices found were mainly characterized as structured programmes, reduced and homogenous regarding the number of participants and targeting specific populations. In relation to the researches, it was identified the predominance of groups' outcome evaluations, from the participant perspective, and the use of quantitative methods. Based on the results, it was possible to discuss the specificities of the promotion and preventive approaches, when put into effect through group practices, but also their intersections and overlaps, pointing to the relevance of theoretic and philosophical investments on the field.

Keywords: *mental health; health promotion; disease prevention; groups.*

Resumen.

La promoción de salud y la prevención de enfermedades se consolidan como ejes estratégicos en el campo de la salud mental, y los grupos son recursos privilegiados para los operacionalizar. El objetivo de este trabajo fue realizar una revisión sistemática de la literatura científica, nacional e internacional, sobre prácticas grupales de promoción y prevención en salud mental, buscando mapear y analizar las prácticas grupales realizadas, así como las investigaciones desarrolladas para investigarlas. Se analizaron 24 artículos, recuperados de las bases de datos PsycINFO, Scopus y Scielo. En su mayoría, las prácticas grupales encontradas se caracterizaron como programas estructurados, de tamaño reducido, homogéneos en relación a los participantes y dirigidos a poblaciones específicas. En las investigaciones, se identificó el predominio de evaluaciones de resultados de estas prácticas, desde la perspectiva de los participantes, y con el uso de métodos cuantitativos. Según los resultados de la revisión, se pudo discutir las especificidades, intersecciones y traslapes del enfoque preventivo y el de promoción de la salud mental, al actualizarse a través de prácticas grupales, señalando la importancia de las inversiones teórico-filosóficas en el campo.

Palabra-clave: *salud mental; promoción de la salud; prevención de enfermedad; grupo*

Introdução

No Brasil e no mundo, a prevenção da doença e a promoção da saúde têm se consolidado como eixos estratégicos de políticas e planos de ações para o desenvolvimento do campo da saúde mental. A compreensão sobre a promoção e a prevenção em saúde e em saúde mental demanda contínuo e notável trabalho científico, filosófico e epistemológico, dada a amplitude, as especificidades, as afinidades e as eventuais sobreposições entre estes domínios (Campion, Bhui, & Bhugra, 2012; Kalra et al., 2012; Ministério da Saúde, 2012; Stachtchenko & Jenicek, 1990; WHO, 2005).

Sinteticamente, a prevenção da doença e do adoecimento mental se desdobram, de maneira geral, a partir de uma concepção de saúde enquanto ausência de doença, tradicionalmente informada pelo modelo médico. Pode-se dizer que a prevenção tem como horizonte a possibilidade de evitar o adoecimento e minimizar as consequências decorrentes deste, reduzindo sua prevalência, promovendo a recuperação e prevenindo recaídas. As políticas, estratégias e ações preventivas são circunscritas, sobretudo, a uma patologia específica e buscam atingir determinados grupos, considerados em risco para tal condição – embora, alguns autores indiquem a possibilidade de realização da prevenção “universal”, isto é, direcionadas à população como um todo (Campion et al., 2012; Stachtchenko & Jenicek, 1990).

A promoção de saúde e de saúde mental são informadas, por sua vez, por uma concepção positiva, ampliada e multidimensional de saúde e de saúde mental, sendo direcionada ao indivíduo, à comunidade, à população e ao ambiente. No campo da promoção de saúde, perde-se de vista o foco em uma patologia específica, para abranger os vários aspectos relacionados à saúde, visando – a partir de uma perspectiva intersetorial – a melhora da qualidade de vida, das potencialidades e do bem-estar de pessoas e de populações, bem como o empoderamento e a participação ativa destas no próprio cuidado com a saúde mental individual e coletiva. Dada a abrangência da promoção de saúde e de saúde mental, considera-se, de maneira geral, que a prevenção do adoecimento psíquico é parte dos objetivos e dos resultados esperados de políticas e de estratégias de promoção de saúde mental (Campion et al., 2012; Kalra et al., 2012; Stachtchenko & Jenicek, 1990; Tamminen et al., 2016; WHO, 2005).

Ressalta-se, ainda, que as iniciativas de promoção e de prevenção no campo da saúde e da saúde mental se apresentam e se efetivam por meio de diferentes expressões consumadas em

diversos níveis, compreendendo desde o âmbito de políticas e de estratégias governamentais – não só no campo da saúde, mas no campo educacional, cultural, ambiental, econômico, entre outros – até o território dos múltiplos programas, intervenções e atividades desenvolvidas junto à população (Campion et al., 2012; Kalra et al., 2012; Tamminen et al., 2016). No âmbito do cuidado, as práticas grupais vêm se consolidando como recursos operacionais de atualização dos objetivos e dos princípios da promoção e da prevenção em saúde mental.

No campo de grupos, percebe-se, também, a amplitude e a multiplicidade de práticas realizadas, heterogêneas quanto ao setting, participantes, objetivos, abordagens teóricas e epistemológicas que as caracterizam, que podem trazer dificuldades à sistematização científica neste território (Scheidlinger, 2004). Nesse sentido, Rocha e Cardoso (2017) apontam para a necessidade de investigações que abarquem as modalidades grupais de forma a descrevê-las em profundidade, envolvendo também aspectos filosóficos e epistemológicos que as informam.

Objetivos

Assim, evidencia-se a extensão, a pluralidade e a complexidade destes dois territórios e da intersecção entre estes: promoção-prevenção em saúde mental e práticas grupais. Torna-se relevante, desse modo, a identificação, a sistematização e a análise daquilo que é efetivado e desenvolvido enquanto promoção e prevenção em saúde mental por meio de práticas grupais e de como estas vêm sendo investigadas cientificamente. O objetivo deste trabalho foi realizar uma revisão sistemática da literatura científica, nacional e internacional, sobre grupos de promoção e de prevenção no campo da saúde mental, buscando mapear e analisar as práticas grupais realizadas, bem como as pesquisas desenvolvidas para investigá-las.

Método

O percurso metodológico adotado na realização desta revisão sistemática da literatura teve inspiração nas proposições de Pereira e Bachion (2006). A questão norteadora do estudo compreende duas vertentes principais de indagação, podendo ser formuladas da seguinte maneira: a) “Como se caracterizam as práticas grupais de promoção e de prevenção em saúde mental?” e b) “Como se caracterizam as investigações acerca de tais práticas?”.

Os artigos foram recuperados das bases de dados PsycINFO, Scopus e Scielo, de maneira a abranger uma base internacional específica da área da Psicologia; uma internacional e

multidisciplinar; e uma nacional e multidisciplinar. Para a pesquisa nestas bases, foi utilizada a seguinte estratégia de busca, a partir do agrupamento das expressões e operadores booleanos: “mental health” AND (prevention OR promotion) AND ("group intervention" OR "group programme" OR "group protocol" OR "group-based" OR group). Optou-se por utilizar o inglês como idioma das expressões buscando abranger a produção de conhecimento científico nacional e internacional. Para a seleção de artigos que correspondiam ao objetivo desta revisão, foi realizada leitura dos títulos e resumos. Foram incluídos textos no formato de artigo científico, com publicação entre os anos de 2013 a 2017, em língua inglesa, portuguesa, francesa, espanhola e italiana, totalizado 396 artigos recuperados (PsycInfo = 247; Scopus = 101; Scielo = 48).

A partir deste material, foram excluídos 372 artigos, a partir de critérios definidos previamente, a saber: o foco não era uma prática grupal (N=132); os grupos não estavam no enquadre da promoção e prevenção, isto é, os autores não referiam explicitamente que se tratava de um grupo de promoção ou prevenção (N=91); o foco das práticas não era a saúde mental (N=53); artigos de revisão bibliográfica (N=31); repetições entre as bases consultadas (N=16); trabalhos em outros formatos que não artigo (N=11); protocolos de estudos (N=10); estudos sobre grupos em que os participantes não eram o público alvo da promoção e prevenção em saúde mental, por exemplo, modalidades de treinamento (N=9); e artigos em língua alemã (N=2). Em um segundo momento da análise dos resumos, optou-se, também, por excluir os grupos com crianças (N=6) e os grupos com adolescentes (N=11), considerando as especificidades encontradas na estruturação e no desenvolvimento das práticas grupais para este público-alvo, identificadas a partir deste momento pré-analítico.

Dessa maneira, foram selecionados 24 artigos científicos que tratavam de práticas grupais de prevenção e/ou de promoção em saúde mental, conforme identificada e referida pelos autores dos mesmos. Estes artigos foram caracterizados e analisados, mediante leitura do texto na íntegra, fichamento e sistematização das informações. Procedeu-se, em seguida, à análise temática dos artigos, que culminou na elaboração de eixos de análise, apresentados a seguir.

Resultados e Discussão

Os resultados e a discussão desta revisão foram organizados em três eixos: Caracterização da Literatura; Caracterização e Análise das Práticas Grupais; e, Caracterização e Análise das Pesquisas Conduzidas sobre as Práticas Grupais.

Caracterização da literatura

Considerando o recorte de tempo adotado como critério de inclusão neste estudo, os artigos científicos revisados foram publicados entre 2013 (N=1), 2014 (N=6), 2015 (N=6), 2016 (N=5) e 2017 (N=6). Observa-se um aumento na quantidade de artigos publicados que tematizam grupos de promoção e de prevenção em saúde mental, entre os anos de 2013 e 2014, mantendo-se estável nos anos subsequentes. Este desenvolvimento do campo pode sinalizar uma valorização das práticas grupais enquanto estratégias possíveis no contexto da promoção e da prevenção em saúde mental. De acordo com a OMS (WHO, 2005), nota-se, globalmente, um aumento dos casos de doenças mentais, alertando para a necessidade de um cuidado comunitário e populacional e, além disso, houve um aumento de interesse, no campo da prática e da investigação, em promoção de saúde mental, nos últimos 20 anos (Campion et al., 2012; Kalra et al., 2012; WHO, 2005).

Os estudos referentes a essa revisão foram publicados nos seguintes países: Reino Unido (N=7), Estados Unidos (N=7), Holanda (N=6), Alemanha (N=2), Colômbia (N=1) e Brasil (N=1). Observa-se que as publicações foram realizadas, sobretudo, no Reino Unido, nos Estados Unidos e na Holanda, representando 20 artigos dos 24 selecionados. Entretanto, os trabalhos avaliados nem sempre se referiam a práticas grupais realizadas exclusivamente nos países de publicação. As pesquisas trataram de práticas grupais que ocorreram, por exemplo, na África do Sul (Newman, Maggott, & Alexander, 2015), na Austrália (Sun & Buys, 2016), no Japão (Imamura et al., 2016), na Malásia (Phang, Mukhtar, Ibrahim, Keng, & Mohd Sidik, 2015), e em Ruanda (Verduin, Smid, Wind, & Scholte, 2014). De acordo com a OMS (WHO, 2005), a evidência científica sobre estratégias de promoção de saúde mental provém, sobretudo, de países desenvolvidos; porém, há uma literatura crescente proveniente de países em desenvolvimento, que são um foco de demanda de intervenções preventivas e promotoras de saúde mental. Além disso, alguns dos artigos buscaram responder a questões e demandas locais e contextuais, por exemplo, o estudo de Imamura et al. (2016) teve como foco mulheres que vivenciaram o acidente nuclear de Fukushima. Já a prática grupal estudada por Verduin et al. (2014), por exemplo, buscou lidar com as problemáticas específicas do contexto de pós-guerra em Ruanda, por via de atividades de debates, coordenadas pelos próprios membros da comunidade.

Caracterização e análise das práticas grupais

A Tabela 1 apresenta uma caracterização do conjunto de práticas grupais encontradas nesta revisão, efetivadas enquanto modalidades grupais de prevenção e promoção em saúde mental.

Tabela 1.

Caracterização das práticas grupais em termos de Número de Artigos (N) e Porcentagem (%).

Caracterização das práticas grupais	Especificação	N	%
Número de sessões	2 a 5 sessões	4	16
	6 a 10 sessões	12	50
	11 a 15 sessões	4	16
	Programas contínuos ¹	3	13
	Não informou	1	4
Número de participantes	2 a 5 participantes	3	13
	5 a 10 participantes	8	33
	11 a 20 participantes	3	13
	Mais de 20 participantes	2	8
	Não informaram	8	33
População-alvo	Mulheres Durante e após a gestação Mães de crianças pré-escolares Com queixas relacionadas à imagem corporal	7	29
	Trabalhadores Área da saúde mental Área da saúde Professores de Ensino Médio e Técnico	5	21
	Minorias População masculina gay e bissexual Egressos do sistema penitenciário População indígena Comunidade pós-guerra	5	21
	Idosos Saudáveis e residentes no território	4	17

¹ Programas contínuos referem-se aos grupos que ocorrem de forma ininterrupta, sem delimitação de número de sessões.

		Residentes em asilos com diagnóstico de demência		
		Idosos em internação psiquiátrica		
	Universitários	Estudantes de diversos cursos no 1 ^a ano	3	13
		Estudantes do curso de Medicina		
Coordenação		Profissionais da saúde	14	58
		Profissionais da saúde junto a membros da comunidade	4	17
		Membros da comunidade	2	8
		Não informaram	4	17
Contextos de realização		Centros comunitários	5	21
		Serviços de atenção primária	4	17
		Hospitais-Gerais	2	8
		Serviços de saúde mental	2	8
		Não informaram	11	46
Abordagens teórico-metodológicas		Teoria Cognitivo-Comportamental	5	21
		Mindfulness	4	17
		Abordagens sociais e críticas	4	17
		Abordagens interpessoais	2	8
		Psicologia positiva	2	8
		Teoria comportamental	1	4
		Referem duas ou mais abordagens	2	8
		Não informaram	4	17
Recursos e estratégias utilizadas nas atividades		Recursos psicoeducativos e de treinamento	16	67
		Recursos baseados no debate e no diálogo crítico	4	17
		Recursos culturais	3	13
		Não informou	1	4

Em termos de caracterização das práticas grupais, identificou-se, majoritariamente, grupos com número de sessões delimitadas (N=20), com predominância de duração entre seis a dez sessões (N=12). As práticas grupais apresentam número reduzido de participantes, a maioria com um mínimo de dois até vinte participantes (N=14). Todas as intervenções dirigiram-se para populações específicas, e nesse sentido, configuraram-se como grupos homogêneos em termos de participantes, sendo que o critério de elegibilidade para a participação pautava-se, sobretudo, por determinada vulnerabilidade – seja pela presença atual ou passada de sintomas dos indivíduos, seja pelo momento de vida ou pelo contexto em que estão inseridos. As atividades foram coordenadas, principalmente, por profissionais da saúde (N=14), como psicólogos e assistentes sociais e ocorreram em contextos diversos. Notou-se uma variedade de abordagens teóricas que

fundamentam as práticas, e ênfase em estratégias psicoeducativas e de treinamento para o desenvolvimento das atividades (N=16).

Estas características ecoam as bases históricas da intersecção entre o campo teórico-prático de grupos e o campo da promoção e da prevenção em saúde. A história das práticas grupais como possibilidade de cuidado em saúde tem, como marco inicial, o desenvolvimento de grupos pautados pela homogeneidade de uma condição patológica dos participantes, pela ênfase educativa e pela condução por um profissional da saúde (Scheidlinger, 2004). Estes três aspectos são, se resguardadas algumas divergências e variações, refletidos nos resultados desta revisão.

Apesar de, nas práticas revisadas, a participação não se pautar exclusivamente por uma condição patológica efetivamente instalada, todas as práticas foram direcionadas a populações específicas e justificadas pela vulnerabilidade individual e/ou contextual dos participantes, que os colocam em maior risco para o desenvolvimento e agravamento de sintomas e de sofrimento psíquico. Assim, a justificativa da realização das práticas – que expressa seu sentido e sua relevância – e a seleção de seus participantes transparecem certa aproximação com o discurso e com a intencionalidade de prevenção do adoecimento e de seus agravos, circunscritas a populações-alvo, e não à população geral. Há que se considerar, ainda, que a justificativa da prática e a seleção de participantes, ainda que sejam etapas anteriores à efetivação mesma do grupo, por meio das sessões e das atividades propostas, afetam diretamente o seu desenvolvimento – assim sendo, a intencionalidade preventiva perpassa e fundamenta – direta ou indiretamente – o desenvolvimento de todas as práticas revisadas.

É relevante indicar ainda que, apesar da justificativa e da seleção dos participantes das práticas portarem certa intencionalidade preventiva, algumas delas utilizam linguagens e sentidos mais próprios ao âmbito da promoção – sentidos identificados a partir de revisão conceitual desenvolvida por Tamminen et al. (2016), como por exemplo “promoção de bem-estar”, “promoção de saúde mental positiva”, “promoção de qualidade de vida”, entre outros. Estes sentidos aparecem para descrever o objetivo de algumas práticas revisadas – como por exemplo, “intervenção para promover bem-estar” (Friedmand et al., 2017, p.199) e “programa para melhorar a saúde mental” (Unterbrink et al., 2014, p. 21); e, aparecem também na descrição dos recursos utilizados para a estruturação das mesmas, como “treinamento de bem-estar” (Cantarella et al., 2017, p. 261). Ressalta-se ainda a mistura das intencionalidades – promotora e preventiva – em um trecho do título do estudo de Maatouk et al (2016), a saber, “desenvolvimento de uma

intervenção grupal preventiva para promover qualidade de vida” (p. 42), utilizado aqui como uma ilustração do que foi discutido até o momento: há intencionalidades diversas, preventivas e promotoras, nos diferentes elementos de uma mesma intervenção.

Assim, uma mesma intervenção descreve-se como preventiva e apresenta uma finalidade mais comum à promoção; ou ainda, algumas práticas apresentam objetivos afins à promoção, mas justificam-se e selecionam os participantes de forma mais familiar à intencionalidade preventiva. A composição das práticas reflete, dessa forma, a amplitude, a elasticidade e a sobreposição destes domínios – com ênfase para o predomínio da intencionalidade preventiva, que nesta revisão, perpassou todos os grupos estudados. Os dados dessa revisão explicitam, ainda, que a operacionalização de intervenções de promoção de saúde mental de porte “micro”, como são as práticas grupais, se depara com vários desafios, a despeito do amplo reconhecimento da necessidade e da relevância de ações para toda a população, e não só para aqueles em risco ou com algum transtorno efetivo (WHO, 2005; Kalra et al., 2012).

A ênfase em estratégias psicoeducativas, a despeito da multiplicidade de abordagens teóricas que fundamentam as práticas, remete, como já apontado anteriormente, à historicidade do campo das práticas grupais em sua intersecção com a área da saúde, em que os primeiros grupos estruturavam-se pela troca de informações a respeito da doença e o engajamento em comportamentos adequados ao tratamento de doenças (Scheidlinger, 2004). É importante notar que a definição da OMS de promoção de saúde é fundamentada no oferecimento às pessoas de maior controle sobre os determinantes de sua saúde, e nesse sentido, uma das formas de oferecer controle é o empoderamento a partir de informações (WHO, 2005) – remetendo à relevância das estratégias psicoeducativas e ao predomínio das mesmas encontrado nesta revisão. Contudo, a própria OMS (WHO, 2005) chama a atenção para a necessidade de ações que favoreçam às pessoas a adoção e a manutenção de estilos de vida mais saudáveis e que viabilizem a criação de condições de vida que possibilitem e sustentem a saúde.

Nesse sentido, para atingir e sustentar estas dimensões da promoção de saúde (“estilos de vida” e “condições de vida”) são necessárias, também, intervenções que ampliem e que complementem a perspectiva psicoeducativa e que, enquanto ações de promoção de saúde mental, se aproximem ao máximo da condição humana tal qual ela é, em sua multiplicidade e complexidade, em determinado contexto, conforme proposto por Galderisi, Heinz, Kastrup,

Beezhold, & Sartorius (2005), assim como valorizem, e convidem para diálogo, o conhecimento e a cultura local da população e da comunidade.

Vale ressaltar, por fim, que para que estas dimensões trazidas pela OMS (WHO, 2005) ao se discutir a promoção de saúde mental – manutenção de estilos de vida mais saudáveis, bem como a criação e a sustentação de condições de vida promotoras de saúde – possam ser operacionalizadas em nível “micro”, faz-se necessário intervenções e estratégias longitudinais que possam acompanhar as pessoas e as comunidades em suas experiências, integrando-as a papéis de protagonismo na estruturação e na realização das atividades. Este desdobramento lança luz aos dados desta revisão que apontam para o fato de que as práticas abrangidas no estudo têm, predominantemente, número de sessões delimitadas e realização circunscrita e atrelada à realização de uma pesquisa, sendo que apenas três estudos abordaram práticas grupais contínuas, desvelando-se a carência de estudos sobre práticas longitudinais.

Caracterização e análise das pesquisas conduzidas sobre as práticas grupais

Embora todos os estudos tematizassem grupos de prevenção e de promoção em saúde mental, as pesquisas divergiram quanto ao elemento investigado, isto é, quanto ao seu objeto de estudo e à proposta metodológica efetivada no sentido de apreendê-lo. A maioria dos artigos debruçou-se sobre a avaliação dos resultados do grupo na perspectiva dos participantes (N=17). Dentre estes, em termos de percurso metodológico, identificou-se a predominância de métodos quantitativos (N=10) – que foram pautados pelo delineamento metodológico experimental (N=8) (Cantarella et al., 2017; Imamura et al., 2016; Londoño Arredondo et al., 2016; McFarlane et al., 2017; Phang et al., 2015; Sheets et al., 2013; Tandon et al., 2014; Zlotnick et al., 2016) e quase experimental (N=2) (Sun & Buys, 2016; Verduin et al., 2014), com o uso de instrumentos antes e após a intervenção grupal; alguns dos estudos contavam com dados de follow-up. Outros cinco estudos foram compostos por métodos mistos, a partir de delineamentos experimentais e quase-experimentais, acrescidos de dados qualitativos relativos à factibilidade da prática – compreendida pelos autores como a viabilidade e a aceitabilidade da intervenção grupal na perspectiva dos participantes – coletados a partir de questionários (Friedman et al. 2017; Jesse et al., 2015; Marx et al., 2014), entrevista com os participantes (Churcher Clarke et al., 2017) ou de grupos focais (Windsor et al., 2014). Um artigo apresentou um estudo de caso de três participantes do grupo, composto por dados quantitativos colhidos a partir de instrumentos específicos em dois momentos

distintos do grupo, e dados qualitativos, a partir de notas de campo do coordenador acerca da participação dos mesmos durante as sessões (Smith et al., 2017). Apenas um estudo, dentre os revisados (Newman et al., 2015), pautou-se na abordagem qualitativa, realizando-se mediante a utilização de questionários abertos, analisados tematicamente, que abordavam os impactos percebidos subjetivamente pelos participantes do grupo.

Um estudo avaliou a sustentabilidade do grupo (Rohde et al., 2015), compreendida pelos autores como o acompanhamento do desenvolvimento e das possibilidades de continuidade de uma prática grupal, a partir da perspectiva dos coordenadores. Eles utilizaram método misto, que abrangeu entrevistas estruturadas por telefone que avaliavam a satisfação dos coordenadores com o treinamento e supervisão recebidos, além da coleta de informações após um e dois anos, sobre a continuidade do programa grupal nos locais de trabalho dos coordenadores, avaliando as barreiras percebidas pelos mesmos.

Quatro pesquisas tiveram como objeto de estudo determinados “moderadores” do processo grupal, compreendidos pelos autores, de maneira geral, como elementos que perpassam a atividade e o processo do grupo. Kweekel et al. (2017) examinaram os processos sociais através dos quais relações de confiança são construídas no contexto do grupo estudado, a partir de método qualitativo, que implicou na condução de 26 entrevistas semiestruturadas com as participantes e da observação do registro em vídeo de três sessões grupais e da observação participante em seis outras sessões. Solway et al. (2015) também utilizaram a abordagem qualitativa para investigar “aspectos sociais e psicológicos” que permearam a atividade do grupo investigado. Para tal, utilizaram o material audiogravado de nove sessões, submetidos a análise temática, com o apoio de software. Dutra e Corrêa (2015) estudaram os principais temas que mediaram as discussões da prática grupal estudada. Para tal, realizaram um relato de experiências vivenciadas junto a este grupo. E, por fim, Unterbrink et al. (2014) estudaram moderadores do interesse e da melhora dos participantes da prática sob estudo, a partir de abordagem quantitativa, valendo-se de dados de uma pesquisa maior, de natureza experimental, controlada e randomizada para realizar comparações entre (1) pessoas que manifestaram interesse e desinteresse por participar intervenção e (2) subgrupos de participantes, separados de acordo com o aproveitamento da prática, em termos de benefícios obtidos e mensurados previamente. Vale explicitar que no caso deste estudo, diferentemente dos anteriores, os moderadores foram situados no âmbito individual, em termos de

características dos participantes como preditores da motivação para participação e dos resultados obtidos com a prática.

Dois estudos voltaram-se para o desenvolvimento de protocolos de intervenção combinados com a) a avaliação da factibilidade da prática, na perspectiva do público-alvo (Maatouk et al., 2016) e b) a identificação de moderadores do processo grupal (Windsor et al., 2014). Maatouk et al. (2016) procederam de forma a identificar dificuldades encontradas pelo público-alvo e recursos de enfrentamento utilizados, por meio de grupos focais norteados por uma entrevista semiestruturada, para elaboração e realização da intervenção grupal, que foi seguida por entrevistas individuais centradas na factibilidade da mesma e reelaboração do protocolo final de intervenção. Windsor et al. (2014), por sua vez, descreveram o percurso de “pesquisa participante” para a elaboração do protocolo da atividade em conjunto com a comunidade. Os autores utilizaram entrevistas para coleta de dados com os participantes da comunidade que integraram o comitê de elaboração do protocolo e videogravação dos encontros do comitê, identificando elementos que constituíam e caracterizavam esta prática, como a liderança horizontal, o uso de diálogo crítico e o foco na construção de projetos sociais a serem desenvolvidos pelos participantes.

Os resultados explicitados por esta análise dão visibilidade para a concentração do interesse investigativo na avaliação dos resultados dos grupos na perspectiva dos participantes em que a ênfase é colocada no final do processo da intervenção. Trataram-se, em sua maioria, de propostas investigativas de abordagem quantitativa ou mista, expressas por desenhos experimentais e quase-experimentais, complementados, ou não, por dados qualitativos e operacionalizados por meio da comparação de parâmetros individuais, específicos e comparáveis no tempo. É importante explicitar que estes parâmetros foram, majoritariamente, índices de determinada condição de sofrimento ou vulnerabilidade, por exemplo, depressão, ansiedade, estresse, entre outros – avaliados por meio de instrumentos específicos.

Há uma interlocução, assim, entre os índices escolhidos pelos autores e a justificativa da existência e da relevância das práticas em questão – que, conforme discutido anteriormente, remetem a certa intencionalidade preventiva. Alguns destes estudos, contudo, incluíram esparsamente alguns índices informados pela intencionalidade de promoção de saúde mental, como qualidade de vida e bem-estar psicológico, por exemplo. Nota-se, desta forma, que também na avaliação das práticas, há intersecção – e, eventualmente, sobreposição – de ambas intencionalidades, com predomínio daquela preventiva; bem como um ressoar de tradições

históricas e epistemológicas da avaliação de intervenções em saúde, informada pelo modelo biomédico (Stachtchenko & Jenicek, 1990).

A literatura teórica do campo de promoção e de prevenção em saúde mental expressa a preocupação e a necessidade de que as práticas sejam fundamentadas por evidências, sobretudo de sua eficácia e efetividade – o que justifica e sustenta, por exemplo, o investimento de recursos estratégicos e governamentais sobre as mesmas (Campion et al., 2012; Kalra et al, 2012; WHO, 2005). Contudo, a própria OMS aponta que o enquadre “positivo” da promoção de saúde mental tensiona o campo investigativo em direção a novas possibilidades metodológicas, dentre estas, a criação de indicadores de resultados “positivos” em saúde mental e de métodos que abarquem também o processo que leva a tais resultados, para além da avaliação transversal dos mesmos (WHO, 2005).

Observa-se que o interesse investigativo passa por uma dispersão quando deixa o domínio da avaliação de resultados, em direção a outros objetos de estudo que compõem as práticas grupais, como a sustentabilidade da prática, os moderadores que permearam o grupo e o desenvolvimento de protocolos de intervenção. Os estudos que se dedicaram à abordagem destes outros elementos concentraram maior heterogeneidade metodológica. Foi neste conjunto de estudos, por exemplo, que se abriu espaço para a inclusão da perspectiva de outros protagonistas das práticas grupais, como é o caso dos coordenadores, no estudo de Rohde et al. (2015); ou, para o relato da criação de determinados protocolos de grupo, que transparece os processos que o originaram, como os estudos de Maatouk et al. (2016) e Windsor et al. (2014) que reportaram como operacionalizaram a inclusão das necessidades e do conhecimento advindo das populações-alvo – preocupação central à prevenção e à promoção – podendo inspirar a criação de outras práticas grupais no campo. É ainda neste conjunto de artigos que houve espaço para o estudo e para a compreensão de diferentes elementos que permearam as práticas grupais e seu processo. Estes estudos podem favorecer a compreensão de como determinados resultados de práticas específicas são alcançados, bem como ampliar o conhecimento teórico-metodológico sobre grupos em geral.

Considerações Finais

O objetivo deste trabalho foi realizar uma revisão bibliográfica de publicações científicas acerca de grupos de promoção e de prevenção no campo da saúde mental, buscando mapear e analisar as práticas grupais realizadas, bem como as pesquisas desenvolvidas para investigá-las. O

estudo permitiu traçar um mapeamento analítico do campo prático e da literatura científica neste âmbito. Assim, foi possível identificar que o campo de grupos de promoção e de prevenção em saúde mental ecoa modos de compreender e de fazer, nos âmbitos prático e científico, próprios dos terrenos nos quais se originaram – por exemplo, o terreno das práticas grupais em geral e a área da saúde inspirada pelo modelo biomédico. Além disso, este trabalho explicitou como na configuração das práticas grupais, assim como no modo de avaliá-las, há certo tensionamento, intersecção e eventual sobreposição das intencionalidades de prevenção e de promoção em saúde mental, que se por um lado, evidencia a complexidade e amplitude destes domínios, por outro, corre-se o risco de apagamento daquilo que lhes é próprio. Mais especificamente sobre a promoção de saúde mental, que conforme observado, se atualiza na prática e na pesquisa com mais atravessamentos e menos singularidade, este trabalho explicitou como esta intencionalidade vem sendo expressa, atualizada e investigada a partir de sentidos que os autores consideraram correlatos àquela, como “promoção de qualidade de vida”, “promoção de bem-estar psicológico”, entre outros.

Compreende-se que o esclarecimento da especificidade teórico-filosófica de cada uma destas intencionalidades, bem como dos termos que vêm sendo utilizados correlativamente àquelas, traz maior clareza a aspectos metodológicos e epistemológicos de ambos prática grupal e pesquisa. Reciprocamente, a investigação do “fazer” das práticas grupais e da forma de pesquisá-las, como é o caso deste estudo, contribui com o esclarecimento acerca das transparências e das opacidades do campo teórico-filosófico que as inspira. Assim, estas duas direções complementares apontam para um amplo horizonte de possíveis empreendimentos de pesquisa.

Em termos de limitação desta revisão de literatura, considera-se os limites temporais e de quantidade de bases consultadas. Além disso, configurou-se um desafio ímpar operacionalizar metodológica e analiticamente uma revisão bibliográfica do campo das práticas grupais de promoção e de prevenção, dadas as vicissitudes conceituais e a abrangência deste domínio. Contudo, compreende-se que esta revisão contribui com o mapeamento e a análise daquilo que vem se efetivando como promoção e prevenção em saúde mental, por meio de práticas grupais, e da forma como tais modalidades são investigadas; contribui, também, com a identificação da necessidade de uma ampliação nas formas de pesquisar grupos para além de métodos quantitativos e experimentais, bem como com a discussão sobre as compreensões de promoção e de prevenção que permeiam as práticas e as pesquisas no campo.

Referências

- Campion, J., Bhui, K., & Bhugra, D. (2012). European Psychiatric Association (EPA) guidance on prevention of mental disorders. *European Psychiatry, 27*, 68-80. doi: 10.1016/j.eurpsy.2011.10.004
- Cantarella, A., Borella, E., Marigo, C., & De Beni, R. (2017). Benefits of well-being training in healthy older adults. *Applied Psychology: Health and Well-Being, 9*(3), 261-284. doi: 10.1111/aphw.12091
- Churcher Clarke, A., Chan, J. M. Y., Stott, J., Royan, L., & Spector, A. (2017). An adapted mindfulness intervention for people with dementia in care homes: Feasibility pilot study. *International Journal of Geriatric Psychiatry, 32*(12), e123-e131. doi: 10.1002/gps.4669
- Dutra, W. H., & Corrêa, R. M. (2015). Operative group as a therapeutic-pedagogical instrument for promoting mental health at work. *Psicologia: Ciência e Profissão, 35*(2), 515-527. doi: 10.1590/1982-370302512013
- Friedman, E. M., Ruini, C., Foy, R., Jaros, L., Sampson, H., & Ryff, C. D. (2017). Lighten UP! A community-based group intervention to promote psychological well-being in older adults. *Aging & Mental Health, 21*(2), 199-205. doi: 10.1080/13607863.2015.1093605
- Galderisi, S., Heinz, A., Kastrup, M., Beezhold, J., & Sartorius, N. (2005). Toward a new definition of mental health. *World Psychiatry, 14*(2), 231-233. doi: 10.1002/wps.20231
- Imamura, K., Sekiya, Y., Asai, Y., Umeda, M., Horikoshi, N., Yasumura, S., & Kawakami, N. (2016). The effect of a behavioral activation program on improving mental and physical health complaints associated with radiation stress among mothers in Fukushima: A randomized controlled trial. *BMC Public Health, 16*(1), 1-9. doi: 10.1186/s12889-016-3819-x
- Jesse, D. E., Gaynes, B. N., Feldhousen, E. B., Newton, E. R., Bunch, S., & Hollon, S. D. (2015). Performance of a culturally tailored cognitive-behavioral intervention integrated in a public health setting to reduce risk of antepartum depression: A randomized controlled trial. *Journal of Midwifery and Women's Health, 60*(5), 578-592. doi: 10.1111/jmwh.12308
- Kalra, G., Christodoulou, G., Jenkins, R., Tsipas, V., Christodoulou, N., Lecic-Tosevski, D., & Bhugra, D. (2012). Mental health promotion: Guidance and strategies. *European Psychiatry, 27*(2), 81-86. doi:10.1016/j.eurpsy.2011.10.001
- Kweekel, L., Gerrits, T., Rijnders, M., & Brown, P. (2017). The role of trust in Centering Pregnancy: Building interpersonal trust relationships in group-based prenatal care in the Netherlands. *Birth: Issues in Perinatal Care, 44*(1), 41-47. doi: 10.1111/birt.12260

- Londoño Arredondo, N., Palacio Sañudo, J., Acosta Barros, C., Juárez Acosta, F., & Aguirre-Acevedo, D. (2016). Efectividad de un programa de prevención en salud mental mediante el diálogo socrático y el pensamiento crítico. *Revista Salud Uninorte*, 32(1), 1-24. doi: 10.14482/sun.32.1.8516
- Maatouk, I., Mueller, A., Schmook, R., Angerer, P., Herbst, K., Cranz, A., & Gündel, H. (2016). Healthy aging at work—Development of a preventive group intervention to promote quality of life of nursing staff aged 45 years and older. *Mental Health and Prevention*, 4(1), 42-48. doi:10.1016/j.mhp.2016.01.002
- Marx, R., Strauss, C., Williamson, C., Karunavira, & Taravajra. (2014). The eye of the storm: A feasibility study of an adapted mindfulness-based cognitive therapy (MBCT) group intervention to manage NHS staff stress. *The Cognitive Behaviour Therapist*, 7(e18), 1-17. doi: 10.1017/S1754470X14000300
- McFarlane, E., Burrell, L., Duggan, A., & Tandon, D. (2017). Outcomes of a randomized trial of a cognitive behavioral enhancement to address maternal distress in home visited mothers. *Maternal and Child Health Journal*, 21(3), 475-484. doi: 10.1007/s10995-016-2125-7
- Ministério da Saúde. (2012). *Política Nacional de Atenção Básica*. Brasília, Distrito Federal: Autor.
- Newman, G. F., Maggott, C., & Alexander, D. G. (2015). Group drumming as a burnout prevention initiative among staff members at a child and adolescent mental health care facility. *South African Journal of Psychology*, 45(4), 439-451. doi: 10.1177/0081246315581346
- Pereira, A. L., & Bachion, M. M. (2006). Atualidades em revisão sistemática de literatura, critérios de força e grau de recomendação de evidência. *Revista Gaúcha de Enfermagem*, 27(4), 491-498. Recuperado de: <https://seer.ufrgs.br/RevistaGauchadeEnfermagem/article/view/4633/2548>
- Phang, C. K., Mukhtar, F., Ibrahim, N., Keng, S. L., & Mohd Sidik, S. (2015). Effects of a brief mindfulness-based intervention program for stress management among medical students: The Mindful-Gym randomized controlled study. *Advances in Health Sciences Education*, 20(5), 1115-1134. doi: 10.1007/s10459-015-9591-3
- Rocha, R. M. G., & Cardoso, C. L. (2017). Experiência fenomenológica e o trabalho em grupo na saúde mental. *Psicologia & Sociedade*, 29, e165053. doi: 10.1590/1807-0310/2017v29i165053
- Rohde, P., Shaw, H., Butryn, M. L., & Stice, E. (2015). Assessing program sustainability in an eating disorder prevention effectiveness trial delivered by college clinicians. *Behaviour Research and Therapy*, 72, 1-8. doi: 10.1016/j.brat.2015.06.009
- Sheets, E. S., Craighead, L. W., Brosse, A. L., Hauser, M., Madsen, J. W., & Craighead, W. E. (2013). Prevention of recurrence of major depression among emerging adults by a group

- cognitive-behavioral/interpersonal intervention. *Journal of Affective Disorders*, 147(1-3), 425-430. doi: 10.1016/j.jad.2012.08.036
- Smith, N. G., Hart, T. A., Kidwai, A., Vernon, J. R. G., Blais, M., & Adam, B. (2017). Results of a pilot study to ameliorate psychological and behavioral outcomes of minority stress among young gay and bisexual men. *Behavior Therapy*, 48(5), 664-677. doi: 10.1016/j.beth.2017.03.005
- Solway, R., Thompson, L., Camic, P. M., & Chatterjee, H. J. (2015). Museum object handling groups in older adult mental health inpatient care. *International Journal of Mental Health Promotion*, 17(4), 201-214. doi: 10.1080/14623730.2015.1035520
- Scheidlinger, S. (2004). Group Psychotherapy and Related Helping Groups Today: an Overview. *American Journal of Psychotherapy*, 58(3), 265-280. doi: 10.1176/appi.psychotherapy.2004.58.3.265
- Stachtchenko, S., & Jenicek, M. (1990). Conceptual differences between prevention and health promotion: Research implications for community health programs. *Canadian Journal of Public Health*, 81(1), 52-59.
- Sun, J., & Buys, N. (2016). Effects of community singing program on mental health outcomes of Australian Aboriginal and Torres Strait Islander People: A meditative approach. *American Journal of Health Promotion*, 30(4), 259-263. doi: 10.1177/0890117116639573
- Tamminen, N., Solin, P., Barry, M. M., Kannas, L., Stengard, E., & Kettinen, T. (2016). A systematic concept analysis of mental health promotion. *International Journal of Mental Health Promotion*, 18(4), 177-198. doi: 10.1080/14623730.2016.1204934
- Tandon, S. D., Leis, J. A., Mendelson, T., Perry, D. F., & Kemp, K. (2014). Six-month outcomes from a randomized controlled trial to prevent perinatal depression in low-income home visiting clients. *Maternal and Child Health Journal*, 18(4), 873-881. doi: 10.1007/s10995-013-1313-y
- Unterbrink, T., Pfeifer, R., Krippeit, L., Zimmermann, L., Rose, U., Joos, A., & Bauer, J. (2014). A manual-based group program to improve mental health: What kind of teachers are interested and who stands to benefit from this program? *International Archives of Occupational and Environmental Health*, 87(1), 21-28. doi: 10.1007/s00420-012-0832-y
- Verduin, F., Smid, G. E., Wind, T. R., & Scholte, W. F. (2014). In search of links between social capital, mental health and sociotherapy: A longitudinal study in Rwanda. *Social Science and Medicine*, 121, 1-9. doi: 10.1016/j.socscimed.2014.09.054
- Windsor, L. C., Jemal, A., & Benoit, E. (2014). Community wise: Paving the way for empowerment in community reentry. *International Journal of Law and Psychiatry*, 37(5), 501-511. doi: 10.1016/j.ijlp.2014.02.023

Windsor, L., Pinto, R. M., Benoit, E., Jessell, L., & Jemal, A. (2014). Community wise: The development of an anti-oppression model to promote individual and community health. *Journal of Social Work Practice in the Addictions*, 14(4), 402-420. doi: 10.1080/1533256X.2014.962141

World Health Organization. (2005). *Promoting mental health: Concepts, emerging evidence, practice*. Geneva: Author.

Zlotnick, C., Tzilos, G., Miller, I., Seifer, R., & Stout, R. (2016). Randomized controlled trial to prevent postpartum depression in mothers on public assistance. *Journal of Affective Disorders*, 189, 263-268. doi: 10.1016/j.jad.2015.09.059